

APRESENTAÇÃO

Através de séculos, desde os tempos da antiga Grécia até nossos dias, a dialética ocupa lugar importante na filosofia e na cultura ocidentais. Por isso é justo que a revista VERITAS dedique, neste número, muito do seu espaço a este tema, tratado por quem dele entende.

O que entendemos por *dialética*?

De maneira genérica pode dizer-se que por *dialética* se entende uma "lógica das oposições", a arte do diálogo e da discussão. Ao distinguir no seu objeto diversos níveis formais a serem unificados em um todo lógico, o discurso defronta-se com oposições fundamentais que resultam ou da situação do próprio sujeito como espírito finito ou da contingência e multiplicidade do objeto dado na experiência. Tais oposições tematizam-se fundamentalmente ao nível da afirmação do ser. Este é sujeito e objeto, palavra e coisa, uno e múltiplo, universal e singular, etc. Ao assumir a intenção da unidade no centro das oposições, o discurso torna-se dialético.

Na história da filosofia ocidental, a origem da dialética está vinculada à arte do diálogo conduzido metodicamente através do confronto dos enunciados pelos interlocutores, segundo o critério de sua coerência lógica. Conforme Aristóteles, o eleata Zenão é seu fundador. Dessarte, na origem, parece que a dialética como método ou caminho se confunde com a descoberta do *lógos*.

Para Platão, a dialética identifica-se, a rigor, com o próprio ato de filosofar. Não é apenas o caminho para descobrir a idéia mas também a ciência que discorre sobre as idéias segundo um duplo movimento de *subida* e *descida*, conferindo ao dialético uma visão de unidade do real. Para Aristóteles, a dialética é a lógica do discurso baseado em opiniões, o processo racional não demonstrativo, a lógica do provável.

De Cícero à patrística e à escolástica, a dialética aparece como lógica menor, propedêutica geral para todas as ciências ou como disciplina normativa da discussão científica. Os renascentistas converteram-na cada vez mais em arte da discussão, tornando-a formalista e árida. Talvez, por isso, Descartes a considera inútil na busca da verdade e a transfere para a retórica e, para Kant, é "a lógica das aparências".

Com Hegel acontece a grande revolução. Identificando lógica e ontologia, transferiu a dialética para o campo do raciocínio em si, para o do ser, dando-lhe nova abrangência e novo dinamismo. Admitida a identidade do *efetivo* (real) e do *racional*, na concepção hegeliana, a dialética é o movimento pelo qual tal identidade caminha do imediato vazio do ser abstrato para a plenitude mediatizada e concreta da idéia absoluta. Esta passagem do entendimento abstrato para o concreto especulativo realiza-se através da negação do imediato (ser), da essência (*Wesen*) como reflexão do ser e sua negação, da noção (*Begriff*) ou conceito especulativo que, como resultado,

nega, supera e conserva (*aufheben*) a oposição do ser e da essência. Assim a dialética hegeliana introduz o movimento e a história no interior do absoluto, mediatizando o infinito pelo finito. E nessa mediação dividem-se os herdeiros.

Enquanto a lógica tradicional é binária, exigindo opção ou pela afirmação ou pela negação sem uma terceira possibilidade, a lógica de Hegel contém três termos: a afirmação (a *tese*), a negação (a *antítese*) e a síntese, que resulta da negação da negação. A dialética, para Hegel, não é apenas uma lógica ou um método, mas uma teoria do ser, uma ontologia.

Karl Marx, enfeitiçado pela dialética hegeliana, reinterpretou-a na perspectiva materialista. Rejeitou o sistema hegeliano mas manteve seu método como uma dialética rigorosa da práxis, capaz de anular todas as alienações ideológicas. Engels reduziu a dialética a três leis fundamentais: passagem da quantidade à qualidade, interpretação dos contrários, negação da negação. Com isso não só a simplificou, mas a empobreceu.

Urbano Zilles